

1

Introdução

Um dia as portas de um mundo misterioso e alegre se abriu diante de nós. Um mundo de silêncio e algaravia com o qual, tanto podemos manter um diálogo repleto de sabedoria, quanto sermos apartados dele pela dificuldade em nos comunicarmos. Um mundo de contrastes, uma vez que é fácil se aproximar e conviver com suas “criaturas”. Mas, também, podemos cometer equívocos ao tentarmos essa aproximação, já que tendemos a interpretar suas necessidades e características segundo as nossas verdades, convicções e julgamentos.

O “mundo da infância” é capaz de nos acolher com extrema simplicidade e revelar aos nossos sentidos muitos de seus segredos e características, nos exigindo um olhar atento, cuidadoso, para poder interpretar a linguagem com a qual se comunicam suas “criaturas”. Exige que renovemos a nossa maneira de encarar a realidade e de lidar com o mundo a nossa volta, pois essa aproximação entre o adulto, que deseja conhecer e entender a peculiaridade da infância, implica em fraturas nas certezas do mundo adulto, impostas pela maneira inédita que a criança¹ possui de enfrentar a realidade, sendo esse olhar infantil, que carrega o novo em si, o que garante o estabelecimento daquilo que conhecemos como “cultura da infância”.

Muitos dos que se aproximam do “mundo da infância”, o fazem com o intuito de compreendê-lo para poder influenciar na educação de suas criaturas, considerando-as, muitas vezes, como aqueles sem voz, sem cultura, páginas em branco, prontas para serem preenchidas por uma lógica que não permite o diálogo, ou seja, por uma pedagogia que não se pauta pela autonomia dos sujeitos, especificamente, crianças em processo de desenvolvimento.

Nosso intuito também foi o de nos aproximarmos na perspectiva de educar. Mas tentamos fazê-lo usando a linguagem da arte, especialmente a do teatro, por acreditar que através dela seria mais fácil estabelecer contato, considerando que ela pode ser usada na Educação para que a criança, ao se apropriar de sua linguagem característica, possa começar a compreender o mundo à sua volta, as

¹ Neste trabalho, conceituamos criança conforme descrito no Estatuto da Criança e Adolescente – ECA – Lei 8069/90, que menciona no seu Art. 2º - “Considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”.

relações sociais que regem a sua vida. A arte, igualmente, pode iluminar as complexas questões internas que a criança vivencia sem possuir ainda a maturidade necessária para entendê-las, cumprindo essa tarefa pela ação da magia, do encantamento e do sensível, fazendo com que a criança possa inserir-se na cultura a qual é submetida pelo nascimento, influenciando nela e sendo por ela influenciada.

Como bem assinala Kramer (2003), as crianças, marcadas por contradições da sociedade em que vivem, possuem poder de imaginação, fantasia, criação, pois “(...) [são] pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem (...)” (p. 91).

O teatro dialoga com as outras artes, apropriando-se de suas diferentes linguagens para se fazer mais atuante no âmbito específico da Educação Infantil, fazendo com que a criança entre em contato com a sua cultura, aprendendo através do jogo dramático a lidar com a alteridade e com as diferenças, construindo assim um referencial artístico e cultural.

Diante do exposto, cabe indagar: desde quando o ser humano se deu conta do poder cognitivo do teatro e, a partir desse conhecimento, passou a utilizá-lo no cotidiano escolar?

Desde a Antiguidade Clássica, gregos e romanos já se preocupavam em registrar as amplas possibilidades educativas do teatro, podendo-se encontrar trabalhos de Aristóteles, Platão, Horácio e Sêneca, que se preocuparam em dissecar a relação teatro-educação (Japiassu, 2001).

A partir do século XVII, com os trabalhos filosóficos e educacionais de Jean-Jacques Rousseau estabelecendo o foco pedagógico nos interesses da criança, que deveria ser desenvolvida pelo estímulo ao jogo como fonte de aprendizado, é que o teatro passou a ser visto como um instrumento a ser usado pelo educador.

Caldwell Cook estabeleceu, no século XX, o primeiro método para se usar o teatro como um instrumento educativo. Enquanto isso, John Dewey nos Estados Unidos, através do movimento de influência rousseauiana da Educação Ativa, foi um educador que se preocupou em incentivar o uso do teatro na educação. No Brasil, através do movimento Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira e outros, o “papel do teatro na educação escolar, particularmente na educação infantil,

adquire status epistemológico e importância psicopedagógica” (Japiassu, 2001, p.20).

No entanto, um dos princípios fundamentais da Educação Ativa seria o estímulo à criatividade de um sujeito inserido em um contexto econômico que priorizava o desenvolvimento das massas através de um intenso processo democrático de escolarização para atender às necessidades industriais crescentes, caracterizando o uso instrumental do teatro, como mais uma ferramenta para alavancar o progresso do indivíduo dentro da sociedade capitalista.

A partir da segunda metade do século XX, o interesse passou a ser favorecer o conteúdo estético ou essencialista do teatro, compreendendo-o como “sistema de representação semiótico, como forma de expressão artística e linguagem acessível a todo ser humano” (Japiassu, 2001, p.22).

Podemos dizer que a prática teatral exercitada na Creche da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, serviço do Departamento de Recursos Humanos desta instituição, que cuida e educa crianças de zero a cinco anos, filhos de seus funcionários, insere-se nessa abordagem essencialista que defende o uso do teatro na educação como uma forma fundamental de formação cultural, estética e social do ser humano.

Neste sentido, buscamos a aplicabilidade da linguagem teatral no universo da Educação Infantil, para que a criança se aproprie dela como mais um recurso lúdico que pode ser jogado no social, trazendo “benefícios” para o desenvolvimento de sua subjetividade, mantendo profundos laços com a realidade do mundo ao seu redor e estabelecendo com o teatro um sistema semiótico que pode representar tanto o mundo externo como interno da criança.

Este relato pretende fazer alguns questionamentos bastante oportunos: qual a necessidade da arte no meio educacional nos dias de hoje? Qual é a especificidade da linguagem teatral aplicável à educação das crianças pequenas? Como o teatro pode ajudar a criança a lidar com a emoção, a fantasia, e os diferentes tipos de relacionamento que os seres humanos estabelecem entre si? Por que os contos de fadas foram escolhidos como texto básico usado para favorecer a apreensão pela criança da linguagem do Teatro? Como a nossa experiência teatral faz a ligação entre o mundo interior infantil e o contexto social da criança favorecendo a comunicação de idéias e a conseqüente busca pelo conhecimento?

Para tentar responder a essas questões precisamos buscar, na comunicação de idéias e na construção de conhecimento, algum diálogo com pensadores que possam contribuir para fundamentar as nossas práticas com sujeitos em processo de desenvolvimento.

A partir do Capítulo I, priorizamos cinco teóricos que desenvolveram seu pensamento refletindo a ligação da arte com a vida, o que nos pareceu ideal.

Com o primeiro, Ernst Fischer, quisemos dialogar a respeito da necessidade da Arte a partir da discussão dos processos que a originaram e sua aplicabilidade na Educação Infantil, a fim de que, ao nos conscientizarmos dos seus benefícios, possamos ressignificar, numa perspectiva estética, palavras como magia, encantamento, comunidade, trabalho, socialização, sentido, signo, para que na contemporaneidade, diante do afã de sobreviver em um mundo cada dia mais individualista e competitivo, elas possam ser apropriadas pela criança para compreender a si mesma diante de uma realidade multifacetada e, muitas vezes, incompreensível.

No segundo diálogo, conversando com Bruno Bettelheim, fundamentamos o conto de fadas como texto básico a ser usado pela criança ao se apropriar da linguagem teatral. Assim o fazemos, porque acreditamos que o conto de fadas contém em si a história da construção das relações sociais, permitindo a criança, através da ação da linguagem mágica e encantada, construir significado na vida e ir em busca do outro, com o qual possa estabelecer relações sociais construtivas.

Acreditamos que a criança possa realizar sua alfabetização em linguagens artísticas, adquirindo conhecimento sensível, através do contato com a narrativa fantasiosa própria dos contos de fadas, e que possa reencarná-la, “exercitando” sua subjetividade e sua corporeidade, através do jogo lúdico proporcionado pelo teatro.

No terceiro diálogo optamos por discutir a idéia de teatro infantil proletário, defendida por Walter Benjamin, como uma possibilidade concreta de fazer a criança educar-se através da aquisição de uma consciência de classe que a levasse a reconhecer criticamente o que há de verdadeiro no contexto em que ela vive. Dialogando com Benjamin, quisemos esmiuçar a idéia do teatro infantil proletário, para que através dela possamos colaborar na conceituação da cultura da infância, como aquela que procura preservar a memória coletiva e, principalmente a memória toda peculiar de uma criança ver o mundo e

compreendê-lo, oferecendo à cultura do adulto uma possibilidade de criticamente rever seus fundamentos e assim, quem sabe, mudar a forma de lidar com a realidade que nos cerca.

No quarto e último diálogo, conversaremos com Mikhail Bakhtin a respeito da linguagem teatral a partir dos elementos que compõem uma encenação (teatralidade, dramaturgia, corporeidade, sentimento, alteridade, expressividade) compreendendo-a como uma cadeia de elos que se interpenetram, tentando levar a criança a compreender a linguagem como um projeto inacabado, sempre em construção, e que é elaborada em conjunto com o outro num contexto social.

A partir das noções de Bakhtin a respeito da arte, da vida, da construção do conceito de ética, e fundamentalmente do papel exercido pela arte na vida, quisemos discutir a construção do cidadão (tipo burguês) desde à infância, como aquele capaz de adquirir pela educação e pelo exercício da arte, um sentido de responsabilidade para consigo mesmo e para com o outro que com ele convive.

No Capítulo II, analisamos nossa experiência teatral à luz dos Estudos Culturais na tentativa de esmiuçar a contribuição que o teatro pode oferecer quando se quer discutir questões atuais como a noção de diferença, cultura, identidade cultural. Queremos saber como o educador de teatro vai desenvolver seus projetos educativos e culturais no âmbito da creche, de forma a atender os interesses de uma educação inclusiva e democrática que se atenha à discussão de temas que pertencem ao campo do multiculturalismo, tais como o racismo, a aceitação das diferenças, a injustiça social, por exemplo.

No Capítulo III, passamos a discutir o desenvolvimento da expressão do corpo da criança através da elaboração de projetos que incluam exercícios expressivos que levem a criança a tomar consciência de si e do outro num ambiente de ludicidade proposto pela nossa experiência teatral. Discutiremos as diferenças entre a busca pelo conhecimento racional que pode lançar seu frio olhar sobre o corpo para analisá-lo como objeto a ser entendido, e o conhecimento sensível que olha para o corpo como uma obra de arte a ser usufruída através dos sentidos, sempre levando em conta a alteridade.

No Capítulo IV, pretendemos apresentar e analisar uma experiência teatral vivenciada no decorrer de um trabalho educacional na creche Fiocruz, vinculada ao Ministério da Saúde, que lida com crianças pequenas, filhos dos funcionários dessa Instituição, oriundas de diferentes classes sociais e que, num mesmo campo

e por um período de tempo determinado (mais ou menos cinco anos), estão sob efeito dessa prática. Nela atuamos como professor de artes cênicas desde 1993. O interesse em registrar essa experiência vem tornando-se mais intenso a partir da conclusão do Curso de Pós-Graduação em Educação Infantil da PUC-RIO em 2001, no qual nos sentíamos motivados a analisar mais minuciosamente o trabalho teatral realizado na creche, objetivando encontrar respostas às indagações sobre o papel do teatro na Educação Infantil e discutir sua importância na tarefa de cuidar e educar crianças de zero a cinco anos.

Procuraremos detalhar de forma mais acurada possível a gênese de nossa experiência teatral, seus valores *estéticos-gnosiológicos*² (Konder, 2000), a maneira de construir as oficinas dentro de cada segmento da creche Fiocruz, o que se pretende alcançar com cada faixa etária, os projetos que nascem a partir da experiência, como os articulamos com os projetos pedagógicos da creche e como construímos a montagem final das turmas de jardim (crianças de quatro a cinco anos).

Nos Anexos A, B e C estão detalhados nosso projeto de expressão corporal que é apresentado às crianças durante os três primeiros meses do ano letivo, o diário dos ensaios da encenação da peça “João e Maria” (com fotos), adaptação do conto de fadas homônimo e a própria peça de teatro (com fotos) nascida a partir da experiência teatral com as crianças do jardim, encenada no final de cada ano letivo diante do olhar de pais, educadores e comunidade Fiocruz.

² “Os valores *estético-gnosiológicos* (chamemo-los assim) não são os únicos valores que se manifestam nas artes. As atividades artísticas expressam também outros valores. Podem, por exemplo, corresponder a necessidades psicológicas que se exteriorizam de maneira lúdica. Podem desempenhar um papel terapêutico. Podem proporcionar um tipo de satisfação que se obtém através da excelência técnica, alegria do “fazer bem feito”. (p. 37).